ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO:UM ESTUDO DAS MINISSÉRIES ABOLIÇÃO E REPÚBLICA

BETWEEN HISTORY AND FICTION: A STUDY OF THE BRAZILIAN MINISERIES ABOLIÇÃO AND REPÚBLICA

Michelli Machado[1]

Resumo: O texto propõe uma discussão sobre o processo de midiatização no campo educacional. Para tanto, analisa minisséries históricas, na busca por entender como se dá a construção da narrativa histórica em obras de ficção. Por meio do acionamento teórico e do trabalho empírico, alguns ângulos despontaram, iluminando aspectos específicos de cada obra e tecendo linhas transversais que perpassam as duas minisséries: Abolição e República. Os resultados nos levam a inferências sobre o contexto social de inserção das obras na dinâmica televisiva e de como a história é contada na televisão.

Palavras-chave: Midiatização. Minisséries Históricas. Aprendizagem.

1. Jornalista e editora na Comunicação Institucional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e Doutora em Comunicação pela Unisinos. E-mail: michellicmachado@gmail.com.

Abstract: The text proposes a discussion about the process of mediatization in the educational field. To do so, it analyzes historical miniseries, in order to understand how the construction of historical narrative takes place in fiction. Through theoretical and empirical work, some angles emerged, illuminating specific details of each work and drawing transversal lines that cross the two Brazilian miniseries: Abolição and República. The results lead us to inferences about the social context of insertion of works in the television dynamics and how the story is narrated on television.

Keywords: Mediatization. Historical Miniseries. Learning.

1 Primeiros passos para uma reflexão

O objetivo deste artigo é contribuir para o entendimento de obras de ficção, baseadas em fatos históricos, observando como as minisséries podem ser mediadoras entre personalidades e fatos históricos e a sociedade contemporânea. A midiatização da narrativa histórica feita pelas minisséries mescla registros documentais e recursos folhetinescos. A partir desse movimento desenvolvido pelas obras, desencadeia-se uma reinvenção das narrativas e, por consequência, observamos os reflexos nas leituras que a sociedade faz de personalidades e acontecimentos históricos. Mas que história a televisão está contanto? O que podemos aprender com essas obras?

Muitas são as formas de se reconstruir a história e, dependo de como as tramas são organizadas, o campo midiático pode se tornar um aliado do campo educacional, para desfazer mitos e propor uma análise crítica. Se olharmos as obras de ficção baseadas em realidades históricas, veremos que são narrativas de fatos do passado, no presente, a partir de uma visão contemporânea e midiatizada dos acontecimentos. O diferencial das minisséries históricas, dentre as demais obras de ficção, é que suas narrativas não buscam só entreter, mas informar e fazer pensar sobre essa história.

A midiatização de acontecimentos históricos, em minisséries, é feita através de determinados recursos narrativos, que geram uma realidade ficcional que interfere no entendimento dos acontecimentos e das personalidades históricas relacionadas a esses fatos. Há uma transição dos acontecimentos históricos para as minisséries televisivas, que passa por diversas etapas, até gerar a realidade ficcional que nos é apresentada.

2 O objeto de estudo

As obras Abolição e República foram ao ar em 1988 e 1989, respectivamente, como comemoração ao centenário da abolição e da república no Brasil. As minisséries tiveram apenas 04 capítulos cada, onde apresentaram a violência da escravidão, os bastidores da assinatura da Lei Áurea e o processo republicano,que se articulou por meio da imprensa e dos militares.

As minisséries foram escritas por Wilson Aguiar Filho e dirigidas por Walther Avancini e contaram com a colaboração do historiador Joel Rufino dos Santos e com a ajuda do, também historiador, Francisco Alencar. Ambos estiveram à frente do trabalho e ao lado da equipe de produtores para assessorar na reconstituição histórica do período

As tramas apresentam uma narrativa ficcionalizada, mas por recontar uma parte importante da construção do Brasil como nação, a partir de uma série de documentos históricos, são uma espécie de ficção controlada, pois obedecem a mínimos registros factuais. As obras foram construídas de forma bastante verossímil apresentando alguns pontos históricos importantes e buscando reproduzir falas oficiais, dando assim credibilidade histórica à narrativa dramática.

As minisséries nunca foram reapresentadas, nem vendidas a outros países, tampouco produzidas em DVD pela emissora[2]. A circulação se restringiu a poucos textos publica-

2. De todas as 72 minisséries apresentadas pela Rede Globo, até 2013, apenas Padre Cícero, Abolição e República não foram produzidas em DVD.

dos na época e a divulgação oficial, em livros produzidos pela Rede Globo e no site Memória Globo.

3 Uma versão mais crítica da história

Uma das inferências que pode ser feita, diz respeito ao caráter inovador que a narrativa assumiu. Talvez esse traço crítico tenha restringido a circulação das minisséries. Será que em 1988 e 1989 estávamos preparados para questionar a história oficial? Se o mesmo enredo fosse apresentado hoje, como será que os telespectadores reagiriam? Ou será que diferente dos índices, que alegaram pouca audiência, o problema com as obras foi outro? Por que ainda não existem disponíveis para consumo? Para entender esses questionamentos é preciso conhecer um pouco mais sobre as tramas.

Abolição começa de forma impactante, mostrando bem as diferenças entre brancos e negros, luxo e castigo. Pouca luz, uma fotografia escura, quase sombria mostra *flashs* entre a vida dos brancos e a crueldade da escravidão, que mesmo em vias de acabar, mostra-se ainda bastante forte. Entre as cenas há um barulho de chibata, que pode deixar o telespectador aflito e incomodado. A obra retrata as fugas planejadas dos escravos sempre em meio a muita violência. Abolição busca fazer pensar, mexer com o telespectador, tirar as pessoas da zona de conforto, trazer ansiedade. Em algumas cenas a trama mistura ópera e violência, em *flashs* alternados, algo que causa tensão no telespectador.

Desde a abertura é uma obra tensa e escura, passando a ideia de alguém que foge ou que corre atrás de algo que não alcança. Do princípio ao fim da abertura, um cântico africano serve de trilha sonora, entrecortado por batidas de chibata, ou seriam palmas? Uma sombra negra corre em um fundo branco e uma sombra branca corre em um fundo negro, até que as duas sombras se sobrepõem, como se fossem se fundir. Aparece a palavra abolição em um fundo vermelho, talvez representando sangue, e cada uma das sombras segue para um lado, mostrando que a fusão esperada não aconteceu.

Abolição mostrou um Brasil que foi construído pelos escravos, escravos esses que não se tornaram donos de nada e, a custo de muita luta, conquistaram sua liberdade. Mostrou o horror de escravizarem pessoas em nome de um progresso econômico, a tirania de tratarem seres humanos de forma cruel, com respaldo da igreja e do estado para manterem a estabilidade econômica e social que tal situação permitia.

A minissérie, apresentada em 1988, rompeu duas barreiras, retratando o poder negro e feminino em sua trama.A obra faz refletir sobre a importância do sonho de liberdade, mostrando um escravo, que não se curva às piores torturas, entregar seus companheiros pela promessa de liberdade, para ele e sua família. Liberdade, o bem maior e primeiro, que as pessoas têm direito, o instrumento de tortura de maior força, a força de um sonho, o sonho da liberdade, uma liberdade a qualquer preço, mesmo que seja a sua vida, ou a vida de seu povo. O texto da minissérie não busca seduzir, mas "sacudir" o telespectador quanto ao que foi a escravidão e como se deu o seu fim.

Durante a minissérie República, em muitos momentos há batidas de tambor, como numa marcha militar para causar suspense. Esse recurso é uma tentativa de causar angústia no telespectador, como as batidas de chibata na obra anterior. No entanto, podemos inferir, que essa marcha seria uma forma de mostrar que o movimento foi um golpe militar, o que é ignorado por muitos, ainda hoje, quando fazem o feriado de 15 de novembro. Outra possibilidade é entender as batidas de tambor como a marcha da república se aproximando.

A trama retrata bem a preocupação do imperador de que o Brasil se fragmente em muitas repúblicas, e mostra que os principais problemas para um terceiro reinado eram o fato da herdeira do trono ser mulher e seu marido estrangeiro e impopular. A cultura branca e machista contrasta com o mostrado na minissérie anterior, onde uma mulher era a líder dos negros, respeitada por todos.

A minissérie República lança uma questão que faz pensar. Em conversa, uma das personagens questiona o que adianta a princesa ter assinado a abolição, se o povo continua a viver como escravo, em alguns casos até pior do que

antes? A questão mostra que a princesa não fez a abolição, apenas assinou, em seguida essa ideia é reforçada por outro personagem que responde à pergunta dizendo que o que importa é a transformação social, o fim da miséria, dar terras a quem é do campo e trabalho para quem vive na cidade. A conversa acontece entre um republicano e um monarquista, como alguém que já tivesse visto o que será o futuro. Não há idealismo em suas falas, diz que a monarquia está caduca, mas que a república não será a varinha de condão para resolver todos os problemas. Tais questões, levantadas pelos personagens, continuam atuais e será que há interesse de fazer o povo refletir sobre isso?

4 Aprendizagem e entretenimento

Minisséries históricas são produtos de entretenimento que misturam diversão e percepção histórica. A trama funciona como um dispositivo, que é acionado por meio de um fato histórico, que traz à tona questões relevantes para a sociedade contemporânea.

Esse gênero televisivo chama a atenção, uma vez que a midiatização da narrativa histórica constrói uma relação entre o personagem histórico e o telespectador. Por meio da televisão, um interesse sobre história pode surgir, levando à leitura de livros e à busca por conhecer mais sobre os fatos históricos. Por isso, é interessante pontuar as tessituras da midiatização que perpassam a ficção televisiva. É importante lembrar que a midiatização é uma área de conhecimento em construção, que tem buscado abordar os processos sociais entre os meios. Esse cenário, de tentativas, discordâncias e tensões, também serve para refletir e avançar, quanto à transposição da narrativa histórica para televisão. As obras produzidas para tevê unem, em suas narrativas, registros factuais, literatura e ficção e, essas inúmeras possibilidades de reconstrução da história são incitadas pelo processo de midiatização.

Há uma série de transformações do ponto de vista das práticas sociais, das intersecções e mediações no ambien-

te comunicacional, a partir dessas outras possibilidades de reconstrução dos fatos trazidas pelas minisséries. As obras tiram os personagens da esfera da realidade e levam para dimensão ficcional. Com a midiatização, os símbolos políticos e artísticos são atualizados e passam a ser consumidos pela sociedade em processo de midiatização, que aprende com as minisséries, principalmente quando vai além do que a trama apresenta.

A partir de Abolição e República, obras casadas, criadas em comemoração ao centenário desses eventos, é possível apresentar a ambientação do processo produtivo das tramas e a tendência de reconstruir figuras menos heroicas e mais humanas. As minisséries merecem atenção porque podem servir para repensar os fatos apresentados de forma mais crítica. É claro, que não se pode esquecer que são obras ficção, e que a aprendizagem midiática, não é a mesma escolar, mas o fato de contarem com a curadoria de historiadores, dá às cenas uma certa chancela quando ao valor histórico do que está sendo apresentado. Neste momento, o campo educacional pode estar estendendo suas bordas e adentrando o espaço midiático.

Segundo Braga (2002), o campo educacional inevitavelmente se reorganiza para ampliar sua abrangência, diversificar seus objetivos e enriquecer sua oferta de procedimentos, de modo a tentar dar conta destas novas áreas de aprendizagem. Desta forma, podemos pensar, sobre a possibilidade do campo se apropriar dos produtos midiáticos, como as minisséries históricas, para ampliar as possibilidades de aprendizagem e expandir o conhecimento oferecido pelos processos midiáticos, de forma a termos uma reflexão mais aprofundada do que a oferecida pela mídia, mas desenvolvida a partir da oferta dos meios de comunicação.

“Interpretar é usar o seu acervo cultural para digerir as interpelações recebidas. Há boas e más interpretações – mas o saldo, positivo ou negativo, é uma aprendizagem”. (Braga, 2002, p.08). Segundo o pesquisador, nesse tipo de aprendizagem estamos usando nossas competências de aprender, e coisas já aprendidas ou recebidas de outros espaços, como a escola, a família, a cultura e as práticas cotidianas.

A compreensão do que é esse processo de midiatização que a sociedade viver e toma a importância da televisão como veículo de massa, apesar da disseminação dos meios de comunicação. É no panorama das relações que se estabelecem através das minisséries, entre narrativa histórica e ficção televisiva, que surgem ângulos, a partir dos quais, outros conceitos se fazem presentes. Ao lançar um olhar mais analítico sobre esses ângulos é possível notar as diversas maneiras de recontar a história nacional por meio da televisão. É um esforço descritivo e analítico de observar as tramas e perceber o que cada obra traz à baila.

Para um estudo da midiatização da narrativa histórica nas minisséries televisivas, é preciso mais do que compreender o produto pronto. É importante refazer o caminho do processo de produção das obras. Neste momento, inferências são feitas com a finalidade de apontar como as obras se entrecruzam e que transversalidades perpassam as tramas, combinando aspectos ou desfazendo impressões.

5 Os caminhos da midiatização no campo educacional

Os gêneros de ficção televisiva, muitas vezes, ao contar suas histórias misturam o real ao ficcional propondo uma outraforma de realidade. Devido a isso, as narrativas televisivas - com suas imagens, sons, movimentos - interferem diretamente nos imaginários.

A midiatização tem na visibilidade um dos seus grandes valores simbólicos. Conforme Rodrigues (1999), a televisão tem um regime próprio, um olho que vê e que nos mostra o que a gente vê. É através desse olho (câmera) que as pessoas enxergam o que a tevê quer mostrar. Por isso, a percepção que temos do mundo hoje, está diretamente ligada aos dispositivos de midiatização que marcam o ritmo da nossa vida cotidiana, sobrepondo-se cada vez mais aos ritmos de funcionamento das instituições que formam nossa experiência individual e coletiva.

Os fenômenos contemporâneos estudados pela mídia mostram, sob alguns aspectos, o processo de passagem de uma sociedade dos meios para uma sociedade midiatizada. Essa transformação se dá, entre outras formas, através do campo científico, a partir do momento que esses fenômenos passam a ser estudados.

Quando pensamos a midiatização trazida pelas minisséries e sua relação com questões educacionais, temos que observar como a aprendizagem entra em tencionamento com a educação na sociedade midiatizada. Não devemos ignorar a aprendizagem que temos a partir dos meios de comunicação, mas precisamos estar atentos para que sejamos críticos ao que a mídia está transmitindo. O aprendizado midiático traz um emaranhado de informações que precisam ser organizadas e selecionadas pelos receptores. É possível aprender, mas nem tudo pode ser aprendido por esse processo, pois só funciona em alguns âmbitos e depende muito das competências de edição dos receptores. Na verdade, a mídia nos dá elementos, nos quais, se soubermos reciclá-los poderemos encontrar arte, cultura e conhecimento.

Abolição e República são obras que podem ser usadas como dispositivos de aprendizagem, por meio de sua reciclagem. Ao interpretarem as mensagens oferecidas pelas minisséries, os telespectadores estão aprendendo um pouco sobre história e ressignificando acontecimentos e personalidades. Essa ressignificação do passado no presente acontece a partir das vivências individuais de cada espectador e da fusão entre a leitura dos fatos proposta pelas minisséries com a leitura realizada pelos receptores das obras a partir de seu capital cultural, simbólico e histórico.

6 Os historiadores e a história

A criação de uma obra de ficção com conteúdo histórico é fruto de um momento específico, avalia o historiador

Francisco Alencar[3], que participou da produção das minisséries históricas Abolição e República.

As tramas mostraram uma posição mais crítica da história do que o habitualmente visto em versões oficiais, retratando, por exemplo, a luta dos escravos nesse período. Abolição buscou mostrar que na base do povo negro havia muita gente com força de expressão e isso foi uma novidade, em termos de produções sobre esse período histórico. "Na época da produção das minisséries estava se consolidando o processo da chamada abertura democrática e o país começava a se livrar das amarras da ditadura, por isso havia uma demanda de mais inteligência, de se rever a história de uma maneira mais crítica, de abandonar um pouco a história patriótica, oficial, que a ditadura tanto enfatizou".

O historiador diz que foram buscados e examinados documentos históricos, desde registros da escravidão, documentos de origem portuguesa, até os relatos do próprio império brasileiro e jornais da época. "As obras tinham escopo histórico para não falar sandices nem fantasiar demais. Essa era uma preocupação constante, por isso mesmo chamaram historiadores, para não deixar criar uma novela, portanto muito mais ilusão do que alusão a realidade".

Alencar conta que as minisséries buscaram construir a história a partir dos fatos históricos e não dos personagens. "A história não é movida por heróis, por figuras centrais emblemáticas, quase míticas, mas sim por processos, por relações sociais, por grupos e classes, conflitos com interesses divergentes".

Segundo o historiador, a ideia das minisséries era criar uma ficção histórica, ou seja, eram minisséries de processos históricos, que tinham seus líderes, mas não super-heróis ou galãs. Esse desejo de falar dos processos é indicado pelos próprios títulos das obras. "Não é princesa Isabel, a redentora, é Abolição e República".

Continuando a falar da importância dos processos na construção da história, Alencar afirma que transferir o prota-

3. Entrevista concedida à pesquisadora, pelo historiador e produtor, dia 13 de agosto de 2010 (pessoalmente).

gonismo das obras para uma figura anônima foi uma escolha. Segundo o historiador, o objetivo foi mostrar que não é, exclusivamente, o comandante, o general, o grande chefe político, capitão de indústria que fazem a história, mas que a história também é feita pelo operário, pelo soldado raso, pelo Zé ninguém, pela Maria anônima, esse foi o sentido da escolha. E ressente-se dizendo que pode ser que isso não tenha dado glamour, paixão, ritmo. "Eu me lembro, de gente falando... é muito lenta, muito devagar, muito negro na tela".

Alencar diz que as tramas foram um marco, porque dentro daquele contexto histórico, elas mudaram o padrão de minissérie. No entanto, não tiveram o condão de mudar a visão historiográfica predominante no Brasil, não fizeram a revolução cultural que o historiador imaginou que pudessem fazer. Fica claro que ele desejava que as minisséries tivessem uma força poderosa, que por vezes a tevê tem, não apenas de divulgar movimentos populares, mas de despertar consciência. Alencar imaginou que talvez as minisséries fossem impulsionadoras de uma reflexão histórica, que trouxesse esclarecimento, e assim, por meio de debates na sociedade, seria possível uma ressignificação da história oficial.

Joel Rufino[4], historiador e doutor em Comunicação, nos revela que uma das razões de ter participado da produção das obras históricas Abolição e República foi o desejo que tinha de escrever para televisão. E embora diga que o tema não foi o que o moveu, admite que razões históricas também contribuíram em sua decisão de participar de tais produções.

Sobre a tendência de expor a história na mídia, o Rufino diz que é importante não perdermos de vista a distinção entre história acadêmica e midiática. E continua falando sobre esse interesse da mídia por temas históricos: "A história midiática vem ganhando muita força de uns 15, 20 anos pra cá. Há um número muito grande de biografias, há um número relativamente grande de romances históricos, então é uma tendência geral, a mídia e a televisão entraram nessa

4. Entrevista concedida à pesquisadora, pelo historiador e produtor, dia 12 de agosto de 2010 (pessoalmente).

tendência. Mas sempre lembrando que é a história midiática, leve, de massa, com os atrativos da literatura e da novela de massa".

Para Rufino essa tendência de recorrer à história talvez ocorra porque a própria cultura de massa cria uma sensação de vazio, insatisfação, futilidade e essa sensação tem que ser preenchida com algum conteúdo, então se recorre a história, transformando a história em história midiática.

O tempo histórico, segundo Rufino se mostra mais através de anônimos, de insignificantes, do que de vultos históricos consagrados, já que para o historiador, os dois são inventados, imaginados, ao mesmo, tempo em que um é tão real quanto o outro. Rufino diz que as minisséries tinham um departamento de pesquisa que cuidava da linguagem, e diz que muitos livros foram consultados para produzir as obras. O historiador cita um livro de sua autoria, intitulado *Quem fez a República*, e a obra *Os últimos anos da escravidão no Brasil,* que foram base para as tramas. Segundo ele, ambas as obras enfocaram a história a partir de personagens anônimos.

Há duas maneiras de ver a proclamação da república, segundo Rufino, uma é entender o fato como um golpe de estado conservador para evitar o pior, já que o império estava extremamente desgastado. A outra maneira é ver a república como um sintoma de uma transformação histórica, então ela teria sido muito mais que um golpe de estado, teria sido um ajustamento, uma mudança de etapa. Essas duas maneiras se complementam, segundo Rufino, já que o 15 de novembro foi um golpe e a passagem de monarquia para república foi um fato mais profundo, uma mudança de etapa histórica.

As obras que midiatizam a história através da narrativa audiovisual são releituras contemporâneas a partir da visão dos produtores das tramas. A linguagem, os tons dos figurinos, a atitude dos personagens, são indícios do tipo de clima que as cenas buscam passar aos telespectadores e o tipo de releitura da história que tais obras propõem.

7 Entrelaçamento entre autores, conceitos e as tramas

Alguns traços se repetem nas duas minisséries, outros ângulos são específicos que cada obra. Para o desenvolvimento de inferências, além dos estudos sistematizados, é preciso recorrer também à intuição, no sentido proposto por Junqueira e Baccega (2008, p.10) e a nossa própria experiência como telespectador, acrescida pela visão dos entrevistados.

Com a ficcionalização e a possibilidade de dar rostos a figuras históricas, personalidades e realidades, antes apenas imaginadas, através de relatos, ganham visibilidade, com o advento das imagens (Borelli, 2007, p.12). Essa ideia de poder presenciar através da televisão, o que não é mostrado na história oficial, faz das minisséries um veículo de entretenimento e aprendizagem, de um povo que está disposto a receber aquilo que lhe é oferecido, ou seja, um povo que quer falar sobre história, com tanto que seja convidado a isso pela mídia.

Os ângulos da grande história da nação, oferecidos pelas obras, possibilitam algum tipo de aprendizagem,onde há várias versões para cada fato. O conflito entre acontecimento histórico e ficcionalizado, parece trilhar no sentido de produzir uma interpretação fixa, até certo ponto determinista dos acontecimentos e da história (Feitosa, 2010, p.03). A questão aqui não é identificar se o discurso produzido é ou não verdadeiro, se o fato aconteceu ou não da maneira que a teledramaturgia apresenta. A preocupação é compreender como um produto audiovisual de ficção, que tem como objetivo o entretenimento, produz sentidos e significados sobre nosso passado nacional. Feitosa (2009, p. 76) afirma que os próprios telespectadores apontam a teledramaturgia, especialmente as minisséries, como lugar de conhecimento sobre a história do Brasil.

A aprendizagem através das minisséries se dá, quando no momento inicial da trama temos o “grau zero”, de percepção histórica, ou uma percepção social leiga. Nesse mo-

mento em que o conhecimento é nenhum ou limitado, a ficção é uma aliada para contextualizar a época, a situação ou o acontecimento narrado. Através da ficcionalização é possível despertar interesse pela história e usar a minissérie como "mola' que impulsiona pesquisas, leituras e o aprofundamento sobre os temas históricos.

Eco (1989) fala do espelho como fenômeno limiar que demarca fronteiras do simbólico, que serve de prótese que pode diminuir ou aumentar o que vemos. Essa condição de fronteira entre o que aconteceu, os registros que temos do que aconteceu, e o que está sendo criado com base nos fatos registrados, é uma situação que pressupõe uma realidade a partir de elementos. Há a criação de uma realidade histórica por meio da ficção, que por vezes aumenta e por outras diminui os acontecimentos. Verdadeiro e confiável, nesse caso, não corresponde a um acontecimento efetivo, e sim a verdade da enunciação (Eco, 1984, p.187).

As obras trazem em suas narrativas aspectos relevantes para a história do país. Por isso, não podemos deixar de observar os tipos de aprendizagem que essas minisséries propiciam. As diferentes formas de construir os personagens históricos nos mostram as intencionalidades de cada obra. Com cada minissérie aprendemos história de uma forma, cada uma quer ensinar um tipo de história. É importante lembrar que nosso conhecimento prévio sobre o assunto e as nossas experiências pessoais vão interferir na leitura que faremos das tramas e do que será possível aprender a partir das delas.

Em certo sentido, as minisséries históricas nos ensinam sobre a sociedade como a ficção ensina: criando uma perspectiva para "ver" e refletir sobre questões que são históricas. Não só porque podem ser referidas a certos fatos comprovados, mas sobretudo, porque tratam de questões relacionadas a esses fatos que eram (e ainda são) importantes para o cenário social. Ao oferecer uma referência histórica, mesmo que indireta, as tramas dão profundidade e relevância para que se possa pensar, refletir e tomar como base, para entender quem somos, e que posições tomar em relação a tais questões.

8 Apontamentos finais

As minisséries históricas são produções que partem de um acontecimento real para a construção ficcional de suas narrativas. Através de rastros históricos, encontrados em registros e documentos, as obras propõem a midiatização de fatos e personagens históricos. Há nas tramas, que buscam contar episódios da trajetória política e cultural de uma nação, uma costura entre história oficial e romance histórico. Essa costura vai tecendo a ficção televisiva, baseada em um acontecimento real, mas que transborda esse acontecimento. A dinâmica televisiva dá movimento à histórica, construindo releituras que estimulam o debate, já que uma das características da televisão é trazer os temas para o centro das discussões, dando visibilidade.

Cada reapresentação da obra é mais uma chance de falar sobre o assunto e retrabalhar o tema. No entanto, curiosamente, as duas minisséries aqui referidas não foram reapresentadas nem produzidas em DVD.

Ao refletir sobre esse fato, Alencar faz a seguinte consideração: "a explicação de que as obras foram muito pedagógicas e por isso não tiveram audiência é discutível. Se elas eram mais pedagógicas, didáticas, educativas, em tese, deveriam ser de mais fácil compreensão". Sobre a baixa audiência, o historiador diz que talvez a pouca divulgação do trabalho tenha sido uma das causas. Já Rufino aponta outros diferenciais das minisséries. O historiador frisar a postura de Avancini como um diretor crítico e diz que as duas produções quiseram chamar a atenção para a possibilidade de olhar a história pelo buraco da fechadura e não através da grande cena.

Talvez o olhar mais crítico e a divulgação mais tímida tenham mantido essas obras "escondidas" até hoje. Abolição e República apresentaram o contexto político e cultural de um período histórico, a partir de uma seleção de acontecimentos. No entanto, não podemos esquecer, que sempre que alguns aspectos ganham destaque e relevância, outros são esquecidos. Ao iluminar alguns fatos em detrimento de ou-

tros, as minisséries apresentaram a história sob outra ótica e sob uma perspectiva mais crítica e contemporânea, propondo questionamentos que talvez estivessem à frente da época em que as tramas foram exibidas.

E assim a história nacional vai sendo contada, vai sendo vista, ouvida, debatida e apreendida. Nesse processo, o que importa não é o que se ensina, nem o que se aprende, porque isso varia de pessoa para pessoa, em função do grau de envolvimento com a trama e com os fatos narrados. O interessante é observar que a midiatização da narrativa histórica está fazendo alguma coisa, está trazendo para a sociedade uma outra versão dos acontecimentos, uma chance de rever o que já foi visto, ou de conhecer o que ainda não se conhecia.

Referências

BRAGA, J. L. 2002. Aprendizagem versus Educação na Sociedade Mediatizada. *Revista Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade*. Belo Horizonte, PPG Comunicação/UFMG, nº 53. 26-39.

BORELLI, S. H. S. 2007. Harry Potter – produção, consumo e estratégias de entretenimento. In: *Compós*, XVI, Curitiba, 2007. Anais 2007. XVI. COMPÓS. Curitiba/PR. ISSN 2236-4285. Biblioteca 259.

ECO, U. 1989. *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição. 343p

_____. 1984. Tevê: a transparência perdida. In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 182-204.

FAUSTO NETO, A. 2006. Midiatização: prática social, prática de sentido. In: *Seminário de Mediatização*, Bogotá, 2006. (16p.)

FEITOSA, S. A. 2009. Minissérie de reconstituição histórica e discurso memorial hegemônico na construção de uma

memória social da nação. *Revista ECO-POS*. **v.12** nº 1. 75-86

_____. 2010. Teledramaturgia de Reconstituição Histórica Estratégias na Produção de Efeito de Verdade. In: *Intercom*, XXXIII. Caxias do Sul, 2010. *Anais 2010*. XXXIII. INTERCOM. Caxias do Sul/RS. R5-0802-1.

JUNQUEIRA, A. H.; BACCEGA, M. A. 2008. O processo da construção da imagem do receptor pelo enunciador na comunicação persuasiva. In: Compós, XVII. São Paulo, 2008. *Anais 2008*. XVII. COMPÓS. São Paulo/SP. ISSN 2236-4285. Biblioteca 401.

MACHADO, M. 2013. *A história contada na televisão: Um estudo sobre minisséries históricas.* São Leopoldo, RS. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 248 p.

RODRIGUES, A.D. 1999. *Experiência, modernidade e campo dos media.* Disponível em: <http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/sites/default/files/multimidia/artigo_adriano__duarte__rodrigues.pdf> Acesso em: 17/11/2016.